

A BELEZA DO ATO DE ENSINAR E APRENDER: (RE) DESCOBRINDO O SENTIDO DA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO PIBID EM PORTO NACIONAL (TO)

THE BEAUTY OF THE ACT OF TEACHING AND LEARNING: (RE) DISCOVERING THE MEANING OF EDUCATION THROUGH PIBID IN PORTO NACIONAL (TO)

Samara Silva dos Santos¹

Juliana Ricarte Ferraro²

Resumo: O presente trabalho irá abordar as experiências pedagógicas vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, subprojeto História da Universidade Federal do Tocantins - UFT em parceria com o Colégio Estadual Angélica Ribeiro Aranha, município de Porto Nacional. Pretende-se aqui fazer uma reflexão sobre o sentido de ser professor, buscando problematizar a valorização dada à educação no Brasil e ao educador, analisando como é ser professor na sociedade globalizada, partindo da experiência no programa. A metodologia da pesquisa está baseada na análise das aplicações e avaliação das oficinas pedagógicas realizadas, como procedimento no desenvolvimento dos conteúdos propostos no ensino de História, junto aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Para tal, este trabalho se embasa, sobretudo, em leituras como Freire (1996), Gadotti (2003) e Bittencourt (2004), entre outros. Nesse sentido, destaca-se que programas como o PIBID são fundamentais para a formação de futuros professores, uma vez que insere o licenciando na realidade educacional, tornando clara a percepção de que é a educação o meio fundamental de transformação da realidade.

Palavras-chave: PIBID; Educação; Ensino; Professor.

Abstract: The present work will address the pedagogical experiences lived in the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships - PIBID, subproject History of the Federal University of Tocantins - UFT in partnership with the Colégio Estadual Angélica Ribeiro Aranha, municipality of Porto Nacional. It is intended here to reflect on the meaning of being a teacher, seeking to problematize the valuation given to education in Brazil and to the educator, analyzing what it is like to be a teacher in globalized society, starting from the experience in the program. The research methodology is based on the analysis of the applications and evaluation of the pedagogical workshops held, as a procedure in the development of the contents proposed in the teaching of History, with the students of the final years of Elementary School. To this end, this work is based, above all, on readings such as Freire (1996), Gadotti (2003) and Bittencourt (2004), among

1 Graduada do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Ex-bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), subnúcleo História-Ciências Humanas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1492-6192>. E-mail: santossamara865@gmail.com

2 Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo/USP, mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas, Especializada em Restauro e Conservação de Documentação Gráfica pela Faculdade Senai de São Paulo. Graduada (licenciatura e bacharelado) em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora Adjunto III da UFT - Universidade Federal do Tocantins, no curso de História. Coordenadora do PIBID História UFT-CPN 2018-2020. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5503371945137722> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4115-4511>. Email: juferraro@uft.edu.br

others. In this sense, it is highlighted that programs like PIBID are fundamental for the training of future teachers, since it inserts the licensee in the educational reality, making clear the perception that education is the fundamental means of transforming reality.

Keywords: PIBID; Education; Teaching; Teacher.

Introdução

Criado no ano de 2007, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID é um programa desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, e visa principalmente buscar uma maior aproximação entre a rede básica pública de ensino e as instituições de nível superior, inserindo graduandos dos anos iniciais da licenciatura com a realidade das escolas públicas.

Em vista disso, o subprojeto de História da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Porto Nacional, atuou no Colégio Estadual Angélica Ribeiro, no mesmo município, com alunos do Ensino Fundamental (anos finais), através de oficinas pedagógicas, que se caracterizam por reunir de forma integrada pressupostos de base teórica a ações práticas, como afirma Paviani e Fontana (2009, p. 78) “(...) numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva”. Assim, intenta-se neste trabalho problematizar a valorização dada à educação no Brasil e ao educador, partindo da experiência no programa.

Busca-se fazer uma discussão e reflexão acerca da concretude da educação com que se deparam os professores, com uma realidade escolar complexa, em que faltam materiais pedagógicos, estrutura adequada e salários dignos aos docentes, por exemplo, e, na maioria das vezes, não sendo valorizado pelo trabalho que faz.

Far-se-á necessário ainda, considerar os aspectos de ser professor em um mundo tecnológico, em que as informações circulam em rápida velocidade e por diversos meios de comunicação, fazendo com que a tarefa educativa tenha que ser remodelada, já que as novas tecnologias, dificilmente serão abolidas. Por outro lado, é preciso pensar também no sentido da profissão docente, uma vez que tanto se discute sobre as dificuldades enfrentadas na área, mas, pouco se fala sobre a razão de ser professor. Dessa maneira, procura-se fazer uma reflexão sobre o sentido de ser professor, procurando na experiência no PIBID, referência para efetuar essa consideração.

Portanto, observa-se que o programa oferece ao licenciando, enquanto futuro docente, um conhecimento real do que é ser professor, visando à construção de uma identidade docente, além de um conhecimento acerca do funcionamento organizacional da escola. Nesse sentido, destaca-se que programas como esse são fundamentais para a formação de graduandos em licenciatura, uma vez que o insere na realidade educacional, tornando clara a percepção de que é a educação o meio fundamental de transformação da realidade.

Reflexões sobre a realidade da Educação Brasileira

A realidade da docência ainda nos dias de hoje é precária, o que não instiga a estudantes investir na área educativa, fazendo com que muitos, mesmo já durante o curso, desistam da função docente ou não atuem na área de formação. Assim, as licenciaturas são um dos campos de menor procura quando se pensa em formação profissional, sendo também uma das áreas de significativa desvalorização, quando em relação às outras.

Observa-se que em razão do período de estágio dos cursos de licenciatura ocorrerem nos semestres finais da graduação, há estudantes que, após os primeiros contatos com a realidade educacional da escola não se identificam com a docência, se sentem desestimulados pela realidade precária, com que lidam muitas escolas brasileiras ou mesmo pela desvalorização do professor e da educação.

Contudo, uma boa qualidade da educação é “garantida” tanto na Constituição Federal como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), porém, somente o fato de estarem listados em tais documentos não assegura que estes se consolidem na prática. No tocante à Constituição Federal, em seu artigo de número 206, alíneas I, V, VII e VIII diz:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; [...]V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; [...]VII - garantia de padrão de qualidade. VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL).

Entende-se que devem ser asseguradas condições para que tanto alunos como professores tenham acesso e permanência no ambiente escolar, mantidos com qualidade e havendo a valorização dos profissionais da educação. Assim, há compreensão de que o espaço escolar deve ser um ambiente bem estruturado, com salas ventiladas, possuindo equipamentos para um bom andamento das aulas, salas de biblioteca e informática organizadas, salários dignos aos professores, etc., aspectos mínimos e que favorecem o acesso e a permanência do aluno na escola. Além disso, é mencionando a valorização dos educadores e um padrão de qualidade da educação. Também, na LDB são assegurados os mesmos aspectos.

Entretanto, a realidade concreta é outra. Tomando como referência a experiência no PIBID, percebe-se que falta muito para que seja alcançado o que é assegurado na lei. Faltam salas de informática e instrumentos tecnológicos, ventiladores nas salas de aulas, além de estas contarem com espaço pequeno para suportar a quantidade de alunos, cadeiras quebradas e riscadas, entre outros elementos. Dessa forma, tendo em vista uma realidade complexa como esta, como estimular futuros professores a continuarem na área docente? Como instigar que novos professores sejam formados?

Muito se fala sobre a importância da educação e do professor na formação de outras profissões e do cidadão, porém, não há o questionamento das condições concretas para o exercício da docência, dos baixos salários, havendo ainda, críticas quando mencionadas manifestações em busca de uma educação e condições de trabalho melhores, o que traz um esgotamento no educador, influenciando diretamente em seu desempenho profissional.

O descaso pelas condições materiais das escolas alcançava níveis impensáveis. Nas minhas primeiras visitas à rede quase devastada eu me perguntava horrorizado: Como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, às mesas, às paredes se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública? É incrível que não imaginemos a significação do “discurso” formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso “pronunciado” na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço. Pormenores assim da cotidianidade do professor, portanto igualmente do aluno, a que quase sempre pouca ou nenhuma atenção se dá, têm na verdade um peso significativo na avaliação da experiência docente (FREIRE, 1996, p. 24).

Como destacado por Freire, elementos simples e detalhes tão pequenos de uma complexidade muito maior, mas, que têm peso grande e significativo na experiência docente e discente, são aspectos que marcam a memória afetiva escolar.

É nesse sentido que iniciativas como a do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência são extremamente importantes, uma vez que insere o futuro professor na realidade escolar, contribuindo tanto na

formação escolar dos alunos e acadêmica do licenciando, como favorece importantes reflexões e discussões em busca de soluções possíveis em prol de melhorias na educação, como é apontado nos objetivos do programa,

Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem (CAPES).

O programa propicia uma vivência muito íntima com a realidade escolar e com a docência, fazendo com que o licenciando reflita sobre sua formação, ainda enquanto futuro professor. Assim, é possível que ele se identifique com a profissão ainda na primeira metade do curso, uma vez que, partindo da concretude, há alunos em cursos de licenciatura, mas que não possuem afinidade com a área, ou mesmo estudantes que não viam na docência seu futuro, porém, com a experiência ainda no início da graduação acabam por se identificar com a área, como já mencionado anteriormente.

Apesar de os cursos de licenciatura possuírem disciplinas específicas para pensar a prática educativa e até mesmo buscar aproximar a realidade escolar da universidade, a exemplo de matérias como Filosofia da Educação, Psicologia da Aprendizagem e os Estágios Supervisionados, elas acabam não conseguindo estabelecer uma relação fiel com a real prática docente que se vivencia nas escolas. Nessa perspectiva, entra-se em concordância com Santana ao afirmar que,

dentro de quase quatro anos os acadêmicos dos cursos de licenciatura só relacionam com seu campo final de trabalho no último ano. Fazendo com que as vezes, se frustram ou se assustem com a realidade do trabalho docente. Mesmo com duas ou três disciplinas voltadas à prática, indicando a futura realidade, ainda não passa de uma construção (SANTANA, 2017, p. 12).

Sob essa ótica, o programa oferece aos discentes da graduação uma inserção na rotina escolar ainda nos primeiros anos do curso, o que diminui o impacto ou choque ao se deparar com a concretude do ensino.

Por outro lado, é marcante na profissão docente uma presença considerável de mulheres, sobretudo na educação infantil, o que indica de um lado, o desenvolvimento social e humano da mulher na sociedade, e, de outro, uma visão machista da mulher, uma vez que há ainda uma confusão da escola como extensão da casa e da mulher professora com a maternidade, pois é comum ouvir alunos chamando suas professoras de “tia”, em associação com o espectro materno feminino. Durante as oficinas pedagógicas do PIBID, por exemplo, era comum os alunos chamarem as bolsistas de “tia”, enquanto que os futuros professores (homens) eram nomeados por vocativos diferentes.

Assim, tendo em vista a real concretude da educação brasileira, o que mantém a chama do “ser professor” acesa, já que somente dominar o conteúdo e técnicas de ensino não garantem condições melhores na educação? Segundo Gadotti, é a esperança. “A esperança ainda alimenta essa difícil profissão. Há uma ânsia por entender melhor porque está tão difícil educar hoje, fazer aprender, ensinar, ânsia para saber o que fazer quando todas as receitas governamentais já não conseguem responder” (GADOTTI, 2003, p. 14).

Ainda de acordo com Gadotti (2003), é necessário haver uma mudança na concepção do que é ser professor, para que, conseqüentemente, possa haver uma mudança concreta na realidade das escolas. O autor aponta para a construção de um novo sentido para a profissão. Quando se fala em docência muito se pensa nos aspectos problemáticos e complexos da profissão, uma vez que há uma grande quantidade de discussões acerca desses assuntos, porém, muito pouco é discutido sobre a “beleza” da educação e do ensino-aprendizagem.

Ser Professor em um Mundo Tecnológico

Ouve-se muito hoje em dia reclamações de professores acerca do ato educativo em meio a tantas tecnologias existentes, fala-se sobre alunos que prestam mais atenção no celular e na internet do que na aula ou alunos que chegam com muitas informações, tendo em vista a velocidade e a facilidade com que estas circulam nos meios de comunicação.

Através dos meios de comunicação tecnológicos, torna-se possível ao indivíduo estudar sem necessitar ir à escola para isso, todo o conhecimento se torna acessível na palma da mão e sem precisar sair de casa. Assim, não se pode negar que as mudanças advindas do meio tecnológico influenciam na maneira de comunicar e, sobretudo, na produção do conhecimento. “Um dos problemas para entender o papel das tecnologias na cultura contemporânea é o alcance delas como difusoras de informações e o modo de tais informações se integrem na configuração do conhecimento escolar” (BITTENCOURT, 2004, p. 108).

As transformações ocorridas no ensino em razão do aparecimento da internet não podem ser deixadas de lado, bem como, seu uso não deve ser totalmente abolido em sala de aula, pois a utilização de tais instrumentos favorece a formação de sujeitos dotados de novas habilidades e variadas formas de enxergar o mundo. Contudo, Bittencourt alerta que o uso desmedido dos meios tecnológicos pode acarretar o surgimento de pessoas alienadas,

Utilizar as informações da mídia televisiva ou as provenientes da internet é fundamental na escola, mas o risco de, por conta disso, criar pessoas alienadas não pode ser ignorado. Alguns autores criticam com veemência a formação cultural resultante do uso das diversas tecnologias e da constituição de uma “cultura de massa alienante” e submissa a determinados interesses, em sintonia com a lógica consumista e produtora de comportamentos individualistas de alta competitividade (BITTENCOURT, 2004, p. 109).

Dessa forma, o uso da internet, celulares e computadores em sala de aula não deve ser abolido e, muito menos as influências causadas por sua utilização negadas, porém, sua aplicação no ensino deve ser feita de forma cautelosa, criteriosa e com criticidade, se atendo aos problemas que podem causar seu uso desenfreado, tendo em vista que a utilização desmedida pode contribuir para o “[...] fortalecimento do ideário de uma submissão irrestrita ao domínio da máquina como instrumento educativo que promovem” (BITTENCOURT, 2004, p. 109).

Também, deve-se levar em consideração que a aplicação das tecnologias, principalmente no ambiente escolar, contribui para a perpetuação da desigualdade e exclusão daqueles que não têm acesso a esses meios, o que, se não levado em conta pode prejudicar a aprendizagem do aluno, pois, uma vez que ele não possui acesso à internet e/ou equipamento para acessá-la em relação a outro aluno que possui, acarretará em um desnível de aprendizagem, prejudicando o ensino.

O uso de tecnologias deve ser realizado considerando as características do público atendido na unidade escolar, para que se evite a propagação da desigualdade e exclusão daqueles que não possuem acesso.

O uso de computadores, notadamente, pode transformar-se em mais um meio para erigir barreiras entre os que têm acesso a esses produtos e os demais alunos das precárias escolas públicas das periferias das grandes cidades e das áreas mais carentes do País. Assim, o consumo das novas tecnologias pode ser mais um instrumento de exclusão social e cultural, situação que provoca diferenciações até mesmo entre as diversas gerações de professores (BITTENCOURT, 2004, p. 110).

Além do mais, faz-se necessário destacar que muitas escolas não dispõem de equipamentos para o acesso à internet, por exemplo. Baseando na vivência no PIBID, pode-se observar claramente o que destaca a autora quando faz menção às diferenças entre escola pública e privada, centro e periferia. Uma das escolas participantes do subnúcleo de História, UFT, em Porto Nacional se localizava distante do centro, carente de equipamentos tecnológicos, não havia laboratório de informática ou computadores que os alunos pudessem fazer uso, o que, infelizmente, é retrato da realidade de muitas escolas públicas brasilei-

ras, exemplificando o que foi citado por Bittencourt. O público escolar se constitui em um grupo bastante heterogêneo, cabendo ao Estado mais investimentos na área da educação, para que esse público seja escolarizado em um nível aceitável.

Diante de tudo isso, surge o questionamento, está mais difícil ser professor hoje, diante de uma geração altamente tecnológica, do que antes? Mudou a essência do ser professor de décadas passadas para o de hoje? Gadotti indica que não.

Em sua essência, ser professor hoje, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária (GADOTTI, 2003, p. 15).

Diante de uma sociedade globalizada e tecnológica é notório que está havendo uma mudança na identidade docente e na maneira de se conceber o ensino-aprendizagem, porém, como ressalta Gadotti (2003), essa transformação não é algo novo, uma vez que cada geração de professores constitui sua própria identidade mediante o contexto em que está inserido.

As tecnologias se fazem cada vez mais presentes na sociedade, e, a escola, como ambiente de ensino-aprendizagem e de relações interpessoais, não pode ser deixada de fora dessa configuração. Um aspecto é consenso: não há como reverter ou extinguir a internet e as novas tecnologias, logo, cabe às unidades de ensino e aos professores, conhecerem suas lacunas, seu público e suas características, analisando a melhor maneira de fazer uso dessas ferramentas.

O Sentido de ser Professor

O ato de ensinar algo há alguém não é tarefa tão simples como parece. Caimi (2015) destaca três aspectos do ensinar. São necessários os saberes específicos da área de formação do professor, o que ela denomina de saberes a ensinar; os saberes para ensinar, que se referem a questões de currículo, docência e à cultura escolar; e, por fim, os saberes do aprender, que dizem respeito aos conhecimentos sobre o aluno, os mecanismos de cognição, as formas como ocorre à aprendizagem. Desse modo, ser docente não é somente possuir conhecimentos próprios para ensinar.

O professor deve saber os caminhos para conduzir o aluno ao aprendizado, construindo os saberes junto ao aluno, numa concepção em que ambos são sujeitos do ensino-aprendizagem e ambos têm algo para ensinar e aprender, “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 15).

O aluno não aprende sozinho, Gadotti (2003) aponta nós, seres humanos, como seres incompletos, inacabados, daí a necessidade de se aprender “com”. Também, é preciso, no processo de ensino-aprendizagem, levar em consideração os saberes da realidade trazidos pelos alunos, respeitando esses conhecimentos, buscando aproximar o conteúdo estudado à esta realidade, para que o estudante se veja inserido e fazendo parte da construção do conhecimento e parte integradora da história. Freire ainda vai além, mencionando que deve haver o questionamento dessa realidade,

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? (FREIRE, 1996, p. 17).

Quando há discussões desse tipo na sala de aula, o aluno compreende que sua concretude pode ser transformada. O autor aponta ainda, para que a curiosidade do estudante seja estimulada, pois, através da curiosidade ingênua do aluno é que se chega à curiosidade epistemológica, fazendo-o refletir com criticidade acerca de sua condição.

“Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 21). O pensamento de Freire expressa a importância da reflexão acerca da prática, o professor necessita pensar e repensar sua prática docente a fim de que consiga despertar em seu estudante a criticidade. Essa questão se faz de grande relevância, uma vez que é pensando na prática docente que o educador pode mudar e melhorar suas aulas.

É através desse hábito que se abre a possibilidade de abandonar velhas práticas que não mais funcionavam em sala de aula, e adotar novos recursos que podem oferecer mais vantagens no ensino-aprendizagem, já que muitas vezes o professor está tão preocupado em ministrar suas aulas que acaba por esquecer não apenas de buscar por inovações em suas aulas, mas também de pensar em sua prática docente, em refletir sobre o que está dando certo no processo de ensino-aprendizagem e o que não está. Assim, é nesse entendimento a relevância de pensar, repensar e avaliar a prática docente, para que se alcance uma educação emancipadora, problematizadora, conscientizadora e libertadora, como pretendia Paulo Freire.

No PIBID, podemos citar como exemplo de reflexão sobre a prática docente os momentos de reunião, planejamento e diálogos, em que eram discutidas formas de melhorar as oficinas pedagógicas, os erros e acertos, as maneiras de estimular os alunos participantes a estarem cada vez mais engajados nas atividades, entre outras. Dessa forma, se tornava possível mudar práticas que não mais funcionavam durante as oficinas pedagógicas, já que a reflexão rigorosa sobre a prática implica movimento entre o fazer e o pensar em fazer.

Ensinar exige rigorosidade, estudo e, de fato, é tarefa complexa, sobretudo diante da realidade com que deparam muitos educadores brasileiros. No entanto, também exige alegria e esperança “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria” (FREIRE, 1996, p. 37).

Como profissionais do sentido, não se pode deixar desestimular por situações desesperançosas, é necessário ter em mente que a mudança é possível. A realidade presente não é um dado estático, acabado e, portanto, ela pode ser transformada, mesmo que lentamente. Ser professor é educar para a vida, logo, é uma profissão que desperta a possibilidade de mudança, devendo ser empreendida com afeto, é necessário que o professor goste do que faz, sinta prazer em ensinar. Assim,

Educar é empoderar. Não é tanto ensinar quanto reencantar. Ou melhor, ensinar, nesse contexto, é reencantar, despertar a capacidade de sonhar, despertar a crença de que é possível mudar o mundo. Essa profissão, por isso, é insubstituível. Não podemos imaginar um futuro sem ela. Não podemos imaginar um futuro sem professores (GADOTTI, 2003, p. 74).

Apesar da desvalorização da educação e dos educadores, ser professor é uma profissão muito bonita. Mudanças significativas no mundo e na educação só ocorrem devido às ações empreendidas por educadores, logo, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, é necessário persistir sempre. O ato de ensinar algo a alguém é mágico e, poder contribuir na formação humana de alunos e, de certa forma, auxiliar na promoção de um futuro e realidade melhores, não tem preço.

Nesse sentido, o PIBID representa uma experiência singular na formação acadêmica de futuros professores por propiciar uma vivência íntima com a vida escolar, que será futuro campo de atuação, ainda mais considerando que o único contato “certo” que um estudante de graduação em licenciatura terá/tem com a rotina escolar se dá no período de estágio.

O programa proporciona conhecer e “viver” a profissão docente de perto, vivenciar o outro lado da esfera aluno - professor, já que no ensino básico como aluno se tem uma visão da escola, dos professores, da rotina escolar e da educação e, na condição de futuros professores se tem uma noção diferente da escola e dos alunos, é possível ver a educação e o ato de ensino-aprendizagem sob outra perspectiva. Além do mais, ver os meninos produzindo e participando das atividades durante as oficinas pedagógicas foi e é um enorme incentivo para que se continue motivado em seguir o caminho docente.

Caimi aponta que para que ocorram mudanças significativas na educação e no processo de ensino é necessário que os professores sintam que é possível mudar, experienciem que as mudanças podem se efetivar se geridas de outras maneiras. “Uma vez que estejam convencidos da necessidade e da viabilidade da mudança, empreendem a luta pelas condições de trabalho, pelo tempo de planejamento, pelos materiais didáticos, dentre outros requisitos” (CAIMI, 2015, p. 111).

A mestria do título de ser professor somente é comparada à virtude de poder ensinar. No momento em que uma aula é iniciada com um bom vocativo, provocando euforia nos alunos, o brilho no olhar presente em cada um deles, faz com que a jornada de trabalho se configure em um momento de lazer.

As oportunidades de participação na vida de uma pessoa todos os dias fundamentam totalmente a qualificação pela qual se deve passar para exercer tal profissão, não sendo possível buscar caminhos mais simples, pois a vivência de um professor ultrapassa a sua titularidade. Valorizada ou não a profissão mostra sua importância a todos os momentos, lembrando sempre que todos começam suas profissões futuras na escola, com um professor sendo aquele que o leva ao conhecimento necessário para conseguir viver bem em sociedade e para a realização de seus objetivos profissionais.

Considerações Finais

Diante do exposto até aqui, chega-se a dois pontos fundamentais. O primeiro de que o PIBID se torna uma “ferramenta” essencial no que concerne inserir futuros professores na condição de licenciandos em contato com a realidade das escolas públicas, ainda nos anos iniciais da graduação. E o segundo, o de que, apesar das dificuldades encaradas pelos profissionais da educação, o ato de ensinar está além dessas dificuldades, possuindo a significação para a formação humana.

No que se refere ao primeiro ponto, o que se percebe é que o programa vem colaborando na formação e qualificação de futuros docentes, tornando-se um dos instrumentos de maior relevância quando se trata de experiência no campo profissional da docência, em antecipação aos estágios supervisionados que ocorrem na parte final, dos cursos de licenciatura.

É notório observar ainda, o quanto o programa vem contribuindo para a formação não apenas profissional, mas também pessoal dos participantes, possibilitando adquirir cada vez mais conhecimentos acerca da educação, cotidiano e realidade escolar e mesmo sobre a “vida adulta”.

Portanto, o programa vem favorecendo a formação acadêmica discente, pessoal e profissional, além das atividades estarem também favorecendo a formação escolar dos alunos voluntários. É nítido o quão importante é esse contato “precoce” com a realidade escolar da rede pública de ensino. Tudo isto torna gratificante o papel docente, visto da condição de graduando, em que se percebe que se pode contribuir na formação escolar individual de cada aluno.

No que diz respeito ao segundo ponto, pode-se pontuar que ser professor é uma profissão encantadora, que possibilita mudar vidas e realidades e, conseqüentemente, transformar o mundo, marcando significativamente histórias de vida, pois todos nós temos em nossas memórias a lembrança de algum professor que, por diversas razões se fizeram de grande importância e marcou substancialmente nossas trajetórias.

Ser professor é contribuir para o desenvolvimento e a realização de sonhos, influenciando mudanças de comportamentos e estilos de vida. Não é uma tarefa fácil, não se pode negar, no entanto, é uma das profissões mais belas e gratificantes que existem. Em vista disso, é preciso que não nos desanimemos

com as dificuldades encontradas e que haja mais incentivo, não apenas do Estado, mas também dos próprios educadores uns para com os outros, pois, assim, se tornam mais fortes e se fazem ser ouvidos por todos, uma vez que, para que ocorram mudanças fundamentais na área, é essencial que estas comecem no ambiente escolar, entre professores, alunos e comunidade escolar. Não há como haver modificações de cima para baixo, logo, elas devem ser iniciadas de baixo, através de pequenas atitudes e mudanças de hábitos empreendidas nos espaços escolares.

Agradecimentos

Em primeiro lugar a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelas bolsas oferecidas e demais materiais fornecidos, e em segundo aos professores supervisores, coordenadora de área e coordenadora institucional pela experiência e aprendizado proporcionados, não há palavras que possam mensurar tamanha é a gratidão.

Referências

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: ago. de 2020.
- CAIMI, Flávia Eloisa. **O que precisa saber um professor de História?**. História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/23853>. Acesso em: ago. de 2020.
- CAPES. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Disponível em: <https://capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: ago. de 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. Conjectura, vol. 14, n. 2, maio/ago., 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>. Acesso em: ago. de 2020.
- SANTANA, Rafael Machado. **A prática na formação docente: reflexões resultantes do PIBID de História**. Porto Nacional: Campus de Porto Nacional, 2017. MMA. 2007. **Instrução Normativa no. 160**, de 27 de abril de 2007. IBAMA - Ministério do meio Ambiente. Diário Oficial da União no. 82, Seção 1:404-405.
- OLIVEIRA, C. **Coleções e colecionadores: as práticas de colecionar, motivações e simbologias**. Museologia & Interdisciplinaridade v. 6, n 12, jul./ dez. de 2017, p. 169-179.
- PIMENTA, A. L.; VASCONCELOS, T. P. C.; RODRIGUES, D. L. R.; MORONE, M. R.; STEFANO, R. G.; BINOTO, T. G. S.; SANTOS, J. B. O. **A importância da curadoria de coleções zoológicas do subfilo Vertebrata para a comunidade científica**. Revista Presença, v. 2, p. 17-34, 2017.
- PPBIO. 2018. Programa de Pesquisa em Biodiversidade/CENBAM – Centro de Estudos Integrados da Biodiversidade da Amazônia. **O que são coleções biológicas?** Disponível em : <https://ppbio.inpa.gov.br/colecoes/sobre>. Acesso: em Jan de 2018

Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aceito em 11 de dezembro de 2020.